**A INFLUÊNCIA DAS *FAKE NEWS* NA BAIXA ADESÃO ÀS CAMPANHAS DE VACINAÇÃO NO BRASIL**

HIRONO, Laura Mitie[[1]](#footnote-1)

MARAN, Thais Thronicke Ribeiro[[2]](#footnote-2)

MAGNAGNAGNO, Odirlei Antonio[[3]](#footnote-3)

**RESUMO**

*Fake news* são falsas notícias que se passam por notícias verídicas, fortemente disseminadas pela Internet e outras mídias sociais, criadas com a finalidade de influenciar opiniões. Atualmente, as campanhas de vacinação no Brasil vem perdendo força e a quantidade de informações falsas que surgiram sobre as imunizações podem ser a grande influência para tal situação. Este artigo tem por objetivo demonstrar a influência que esse tipo de notícias exercem sobre a baixa adesão da população frente às campanhas de vacinação no país. A metodologia utilizada foi a análise bibliográfica de reportagens, entrevistas e artigos no âmbito brasileiro, tendo como principais fontes MedLine, Scielo e Google Acadêmico. A análise do tema abordado permite com que seja compreendido que, das mais variadas causas para a baixa adesão às campanhas de vacinação, o uso das *fake news* tem se destacado por pertencer à um meio de propagação de informações e formação de opiniões sem que exista uma investigação sobre o que está sendo publicado. Este artigo conseguiu estabelecer uma relação entre a popularização dessas informações incorretas e as baixas adesões nas campanhas de imunização, além de evidenciar as limitadas publicações sobre o tema, fomentando a necessidade de que mais pesquisas sejam realizadas a fim de que se encontre soluções para tal problema de saúde pública. Não coube ao presente texto, entretanto, mensurar e quantificar este vínculo pela falta, principalmente, de pesquisas e questionários que demonstrem de fato o quanto que o compartilhamento de *fake news* influencia nas decisões dos usuários perante a vacinação.

**PALAVRAS-CHAVE**: *Fake news*, vacinação, adesão, antivacina, imunização.

**1 INTRODUÇÃO**

O Brasil é considerado exemplo mundial quando se trata do Programa Nacional de Imunização (PNI) criado em 1973 com o objetivo de padronizar a imunização em nível nacional, promovendo o controle ou erradicação de doenças infectocontagiosas e imunopreveníveis, sendo um dos poucos países que oferece de maneira universal e gratuita esta proteção (SILVA JUNIOR, 2013). Entretanto nos últimos anos, o Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) registrou uma queda preocupante nos índices de imunização das vacinas que são recomendadas pelo PNI para menores de um ano, no período entre 2011 a 2016.

Relacionado a essa baixa procura, o Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) mostrou que houve, nos últimos 10 anos, uma crescente popularização da Internet e isso acabou promovendo um aumento considerável na produção de conteúdos (SILVA; LUCE; SILVA FILHO, 2017). Em detrimento dessa alta informatização e da falta de regulamentação para a propagação de publicações, houve uma grande circulação de notícias incompletas ou errôneas, afetando diretamente nas decisões dos leitores. Para Rogério Christofoletti e Ana Paula França Laux, não existe uma instância entre os fatos e o público que seja capaz de garantir a veracidade da informação e cabe ao receptor decidir qual merece sua credibilidade e confiança (CHRISTOFOLETTI; LAUX, 2008).

Dessa forma, esta análise bibliográfica pretende ressaltar a relação entre as *fake news* e a taxa das vacinações no Brasil, a fim de reforçar aos usuários das mídias sociais a importância de se garantir a veracidade sobre os fatos que são publicados e compartilhados, não acreditando em usuários que compartilham a informação, mas sim em artigos de maior evidência. Igor Sacramento (2018) salienta que as pessoas têm preferido acreditar em informações publicadas por conhecidos ou indivíduos próximos do que nas instituições, levando a um enorme desafio para a saúde atual que enfrenta uma verdadeira batalha contra as falsas notícias relacionadas às vacinações.

Este artigo se baseia em pesquisas bibliográficas, tendo suas citações retiradas de artigos acadêmicos, reportagens, entrevistas e apresentações. Fazendo uma pequena inserção da parte histórica, partindo para a conceituação de palavras importantes para o entendimento do trabalho e finalizando com os motivos da baixa adesão às campanhas de vacinação.

**2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

De acordo com a definição, *fake news* são notícias falsas que parecem ser notícias jornalísticas e que são propagadas pela Internet ou outras mídias, buscando geralmente influenciar opiniões políticas, ou até mesmo, como piada (CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2018). Fidalgo (2018), ainda diz que *fake news* trata-se daquela notícia falsa que tem a intenção de propagar uma mentira ou induzir em um erro aos receptores da mensagem, seja ela parcial ou total, buscando algum retorno financeiro ou não. Elas, muitas das vezes, têm um formato que busca ludibriar o leitor, já que dá contornos de seriedade, às vezes misturando um dado real com um fictício, por exemplo.

É certo que, de uma maneira ou de outra, a disseminação de notícias falsas é tão antiga quanto a própria língua, muito embora a questão tenha alcançado especial importância como consequência do fato de que a Internet, em especial no popular ambiente das redes sociais, proporcionou acesso fácil a receitas provenientes de publicidade[...] (CARVALHO; KANFFER, 2018, p. 1).

Robert Darnton, em entrevista à Folha de São Paulo afirmou que,

[...] notícias falsas sempre existiram. Procópio foi um historiador bizantino do século 6 famoso por escrever a história do império de Justiniano. Mas ele também escreveu um texto secreto, chamado “Anekdota”, e ali ele espalhou “*fake news*”, arruinando completamente a reputação do imperador Justiniano e de outros [...] (VICTOR, 2017, p. 1).

Considerando a funcionalidade das *fake news*, o filósofo francês Umberto Eco (1932-2016), crítico das tecnologias que promovem a disseminação da informação, relatou em entrevista feita por Silvestre (2015), que as redes sociais possibilitam o direito à palavra de uma legião de pessoas tolas, o que possibilitou certa desconfiança da veracidade das informações, já que, qualquer um possui o mesmo poder de divulgação do saber que um prêmio Nobel, por exemplo.

Em um contexto histórico,

O século XX e o que já vivemos do XXI são a era das mentiras em massa. Três dos grandes conflitos em que os Estados Unidos se meteram neste período começaram com invenções: a guerra de Cuba (1898), com a manipulação dos jornais; a guerra do Vietnã (1955-1975), com o incidente do golfo de Tonkin, e a invasão do Iraque de 2003, com as inexistentes armas de destruição em massa de Saddam Hussein (ALTARES, 2018, p.1).

Analisando outra situação, tem-se que a saúde é um bom meio de cultura para boatos e rápida circulação de informações. Isso acontece, em parte, porque a maior parcela da população tem pouco conhecimento sobre a área e, em parte, pela ansiedade que causam as notícias sobre doenças e epidemias. O alastramento é ainda mais rápido quando o assunto é doença grave e ameaçadora. Além disso, informações infundadas podem levar a diversos comportamentos e atitudes de risco para a população. Tal fato é percebido quando essas *fake news* acarretam, por exemplo, em sobrecarga nos serviços de saúde, uso de tecnologias (medicamentos e vacinas) de forma inadequada e sem indicação ou, até mesmo, rejeição à tratamentos que se fazem necessários (HENRIQUES, 2018).

Como prova disso, tem-se o caso da retratação feita pela revista The Lancet, por publicarem o estudo do Dr. Andrew Wakefield, que defendia em sua pesquisa a insegurança da vacina combinada contra sarampo, caxumba e rubéola por possivelmente se relacionarem com o desenvolvimento do autismo. Tal retratação precisou ser feita após uma reavaliação aprofundada da pesquisa, levando em consideração os métodos científicos e conflitos financeiros do autor. Depois da publicação do estudo do Dr. Wakefield, as taxas de vacinação despencaram na Grã-Bretanha e o número de casos de sarampo aumentou (HARRIS, 2010).

Os malefícios provocados pelo falso estudo feito pelo Dr. Wakefield é percebido ainda, nos dias atuais. O diretor da Bio-Manguinhos (Unidade Produtora de Imunobiológicos da Fiocruz), Maurício Zuma (CONASS, 2018), explica que segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o sarampo ainda mata 400 crianças por ano, mesmo em países avançados, onde o movimento antivacinação se propagou, principalmente por meio das redes sociais.

Em entrevista publicada pelo CONASS (2018), Maurício Zuma alerta que,

O movimento acontece com a disseminação de inverdades, boatos sem fundamentação científica ou fraudes comprovadas, como a que relacionava as vacinas e o autismo, baseando-se em um artigo publicado em 1998 pelo inglês Andrew Wakefield. Descobriu-se posteriormente que ele falsificou dados e teve sua licença cassada pelo Conselho Médico Britânico em 2010 (CONASS, 2018, p. 1).

Com relação, entretanto, à baixa adesão populacional às campanhas de vacinação no Brasil, Carla Domingues, em entrevista publicada por Guimarães (2017), referiu que há diversos fatores que podem estar por trás dos números em queda e um deles pode ser a recusa, que tem aumentado nos últimos anos, de pais em vacinar seus filhos, "os dados de 2016 mostram menor cobertura vacinal para a poliomielite. Pode ser por fatores sazonais, mas a resistência das pessoas é algo que está nos chamando a atenção" (GUIMARÃES, 2017, p. 1). Guimarães esclarece ainda, que com mais vacinas disponíveis, algumas famílias optam por quais irão aplicar em seus filhos. Outras preferem evitar a vacinação das crianças, por julgá-las saudáveis. Há ainda os que preferem evitar que os filhos sejam vacinados por razões religiosas, ou os que temem reações adversas. Essa decisão individual, de vacinar os filhos ou não, acaba impactando o número de pessoas protegidas contra doenças transmissíveis, mas preveníveis, e criando grupos suscetíveis.

Carla Domingues (GUIMARÃES, 2017) pondera ainda uma possível dicotomia: o sucesso do programa pode ser uma das causas da queda da cobertura. Isso porque o PNI (Programa Nacional de Imunizações) imunizou amplamente a população que hoje está com 30, 40 e 50 anos de idade, devidamente vacinada na infância, quando doenças como o sarampo ou a poliomielite eram visíveis e a preocupação em vacinar as crianças era maior.

Hoje, como a doença desapareceu, os pais que foram beneficiados pela vacina e que por isso não conviveram com a doença, muitas vezes não percebem a importância da imunização. Por isso, é imprescindível mostrar que, apesar de raros os casos, as doenças ainda existem e que, portanto, é primordial vacinar as crianças (GUIMARÃES, 2017, p. 1).

Acerca dessa baixa adesão às vacinações, de acordo com Schiessl Fialho (2018), o sucesso das ações de imunização no passado causou uma falsa sensação de que não há mais necessidade de se vacinar, tendo alguns motivos que podem ser citados como o desconhecimento individual sobre a importância e benefícios das vacinas, uma vez que não se vê mais algumas doenças como um risco; *fake news* circulantes na Internet e WhatsApp causando dúvidas na população sobre a segurança e eficácia das vacinas; horários de funcionamento das unidades de saúde incompatíveis com as novas rotinas, além do movimento antivacina. Para o CONASS (2018), a população questiona a segurança da vacina, por temer os efeitos colaterais, ou por acreditarem que não estão suscetíveis às doenças.

Nos tempos atuais onde há um excesso de informações e superficialidade de conteúdos, de acordo com Maurício Zuma (CONASS, 2018), a população mundial vem aderindo a um movimento conhecido como antivacina. Este movimento tem apresentado um crescimento considerável, seja pelo fato da sociedade questionar a segurança das vacinas, temer seus efeitos colaterais ou por acreditar que não estão mais suscetíveis às doenças. Esse fato tem levado países como a Itália, por exemplo, a se depararem com surto de doenças que já haviam sido erradicadas, como o sarampo. Zuma (CONASS, 2018) ainda refere que os especialistas explicam que a vacina pode trazer eventos adversos como qualquer outro medicamento, porém, ainda assim, são efeitos mais leves do que as doenças e suas possíveis sequelas. Estes eventos podem ocorrer por conta da própria resposta imune do organismo que estará mais preparado, se vacinado, para enfrentar a doença caso ela apareça.

Outro ponto ressaltado por Zuma (CONASS, 2018) é de como a prática médica em geral vem sendo realizada atualmente, definindo-se por uma relação fragilizada entre médico e paciente ou médico e sociedade, na qual o tempo e o ambiente de interação entre as partes desfavorece a conversa sobre as práticas preventivas e promotoras de saúde, como é o caso da imunização. Para o autor, é preciso realizar estratégias para enfrentar o movimento antivacina, sendo necessário aumentar a circulação das informações consideradas qualificadas e cientificamente comprovadas, de modo que sejam aproveitadas as comunicações de massa e eventos científicos, desde as redes sociais on-line até os eventos de modo presencial.

Em entrevista realizada por Guimarães (2017), José Cássio de Moraes salienta:

Pessoas de estratos econômicos mais elevados, alimentadas por informações não científicas, acabam selecionando quais vacinas querem tomar e alguns até abdicam de tomar todas. Por outro lado, você tem dificuldade nos grupos mais pobres, uma dificuldade de acesso aos serviços de saúde (GUIMARÃES, 2017, p. 1).

Para Guimarães (2017), os grupos antivacinas são tão antigos quanto os programas de imunizações realizados no século 19, quando ainda as reações adversas eram muito frequentes. No Brasil, percebe-se que a expressão desses grupos é menor do que na Europa ou Estados Unidos, porém há relatos cada vez mais frequentes de pais que escolhem não vacinar seus filhos, principalmente a população de classe alta. Tal fato justifica porque esse grupo tem taxas de cobertura vacinal menores, juntamente com a classe baixa, porém por motivos distintos.

**3 METODOLOGIA**

Trata-se de uma análise bibliográfica, realizada entre agosto a outubro de 2018, que se salienta em reportagens e entrevistas de importante relevância no âmbito brasileiro, além de artigos acadêmicos pesquisados a partir de fontes como MedLine (Medical Literature Analysis and Tetrietal System On-Line), Scielo (Scientific Eletronic Library OnLine) e Google Acadêmico, assim como outros disponibilizados pelo orientador, abrangendo o período de 2008 a 2018.

O critério de inclusão empregado para este artigo foi conter os temas: *fake news*, vacinação, baixa adesão, imunização ou antivacina. Além disso, incluíram-se textos que possuíam relação com o tema abordado, publicados em idioma português ou inglês, como também sua disponibilidade integral. Após, foram selecionados pelos títulos, subtítulos e posteriormente pelos resumos. Os que não se adequaram ao tema proposto ou se afastaram do objetivo deste artigo, assim como escritos antes de 2008, foram excluídos do estudo.

**4 ANÁLISES E DISCUSSÕES**

Durante a análise do tema abordado, cabe destacar que o Brasil é um dos países que possuem algumas doenças erradicadas por conta das campanhas de vacinação realizadas há décadas atrás. A falta de conhecimento ou não ciência do acometimento causado por certas doenças que até os dias atuais não faziam mais parte da rotina da população, levam a crer que a vacinação pode ser uma escolha.

O Brasil está o tempo todo recebendo pessoas de diversos outros lugares. O mundo ainda enfrenta algumas das doenças que hoje, encontram-se erradicadas no país e isto deve ser observado pela população. Ao se ter contato com pessoas de outros locais que podem estar doentes, sem a vacinação feita de forma correta, as doenças podem voltar a se propagar, afetando diretamente a saúde da sociedade.

Pode-se compreender, a partir da tabela de adesão às campanhas de vacinação no Brasil, publicada pelo DATASUS, que as taxas reduziram, de modo geral, se comparados os dados obtidos previamente. Observa-se uma menor quantidade de municípios que conseguiram alcançar a meta nas coberturas de vacinação com o passar dos anos, sendo notória a diferença nos períodos de 2011 e 2016, demonstrando que os fatores influenciadores dessa situação encontram-se em crescimento no país.

Tabela 1: Proporção de municípios com coberturas vacinais adequadas por tipo de vacinas (Homogeneidade de coberturas vacinais), Brasil. 2011 a 2016.



Fonte: MS/SVS/DEVIT/CGPNI/Sistema de Informação do Programa nacional de Imunização (http://pni.datasus.gov.br)

Nota-se, portanto, que das inúmeras causas existentes para a baixa adesão às campanhas de vacinação, a Internet é a que mais se destaca por possuir um importante papel na formação de opinião dos usuários. Com o surgimento das mídias sociais, a propagação de qualquer notícia se tornou instantânea. Sem as devidas cautelas, podem surgir informações falsas capazes de gerar todo um desestruturamento social, maléfico para a saúde e para o desenvolvimento da sociedade como um todo.

**5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As *fake news* surgiram muito antes da popularização da Internet e com o advindo desta, houve um aumento da produção e divulgação de notícias errôneas ou incompletas. Tal situação foi amplamente facilitada pelos usuários que acreditam nas publicações, sem antes verificar a veracidade da fonte, e as compartilham de modo a aumentar o acesso à tal informação, atingindo outras pessoas que fazem parte das suas mídias sociais.

 Sabe-se também, através do Sistema Único de Saúde, que houve uma considerável queda na adesão às campanhas de vacinação, e como já demonstradas, no atual projeto isso se deve por diversos motivos, entre eles as *fake news*.

Entretanto este artigo não conseguiu mensurar e quantificar a atual relação destas falsas notícias com a queda nas imunizações.

A grande problemática está em como controlar e combater a propagação de publicações incorretas nas mídias sociais, de modo que a saúde da população não seja colocada em risco pelas informações infundadas sobre as vacinas, levando à baixa adesão das campanhas e com isso a possibilidade do ressurgimento de doenças antes erradicadas.

É necessário que sejam feitas pesquisas e questionários a fim de elucidar o quanto que o compartilhamento de *fake news* influencia nas decisões dos usuários perante a vacinação, para que assim as campanhas de imunização do SUS se tornem mais efetivas, realizando o combate direcionado contra a propagação de informações erradas.

**REFERÊNCIAS**

ALTARES, Guillermo. A longa história das notícias falsas: Utilização política das mentiras começou muito antes das redes sociais, e a construção de outras realidades era uma constante na Grécia antiga. **El País.** Madri, p. 1-1. 18 jun. 2018. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/08/cultura/1528467298\_389944.html>. Acesso em: 05 out. 2018.

CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS (Org.). **Cambridge Advanced Learner's Dictionary & Thesaurus.** Disponível em:

<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/fake-news>. Acesso em: 15 set. 2018.

CARVALHO, Gustavo Arthur Coelho Lobo de; KANFFER, Gustavo Guilherme Bezerra. **O Tratamento Jurídico das Notícias Falsas (fake news).** 2018. Disponível em:

<https://www.conjur.com.br/dl/tratamento-juridico-noticias-falsas.pdf>. Acesso em: 05 out. 2018.

CHRISTOFOLETTI, Rogério; LAUX, Ana Paula França. Confiabilidade, credibilidade e reputação: no jornalismo e na blogosfera. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 31, n. 1, p.29-49, jan. 2008.

CONASS - CONSELHO NACIONAL DE SECRETÁRIOS DE SAÚDE (Brasil). **A queda da imunização no Brasil.** 2018. Disponível em:

<http://www.conass.org.br/queda-da-imunizacao-no-brasil/>. Acesso em: 15 set. 2018.

FIALHO, Arieli Schiessl. **VACINAÇÃO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE.** Florianópolis: SUS, 2018. 28 slides, color. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/188935/Webpalestra>. Acesso em: 15 set. 2018.

FIDALGO, Adriano Augusto. **Fake news e a cidadania digital:** O presente artigo enfrentará como a Fake News pode ser um mal à Democracia. E o seu combate pela Cidadania Digital. 2018. Disponível em:

<http://www.administradores.com.br/artigos/tecnologia/fake-news-e-a-cidadania-digital/110399/>. Acesso em: 15 set. 2018.

GUIMARÃES, Keila. Vacinação em queda no Brasil preocupa autoridades por risco de surtos e epidemias de doenças fatais. **BBC.** São Paulo, p. 1-1. 29 ago. 2017. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41045273>. Acesso em: 15 set. 2018.

HARRIS, Gardiner. Journal Retracts 1998 Paper Linking Autism to Vaccines. **The New York Times.** Nova York, p. 1-1. 02 fev. 2010. Disponível em:

<https://www.nytimes.com/2010/02/03/health/research/03lancet.html>. Acesso em: 15 set. 2018.

HENRIQUES, Cláudio Maierovitch Pessanha. A dupla epidemia: febre amarela e desinformação. **Revista Eletrônica de Comunicação Informação & Inovação em Saúde**, Brasil, v. 12, n. 1, p.09-13, mar. 2018. Disponível em:

<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1513/2198>. Acesso em: 15 set. 2018.

SACRAMENTO, Igor. A saúde numa sociedade de verdades. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p.4-8, jan. 2018.

SILVA, Leila Morás; LUCE, Bruce; SILVA FILHO, Rubens da Costa. Impacto da pós-verdade em fontes de informação para a saúde. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Porto Alegre, v. 13, n. , p.271-287, jun. 2017.

SILVA JUNIOR, Jarbas Barbosa da. 40 anos do Programa Nacional de Imunizações: uma conquista da Saúde Pública brasileira. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, [s.l.], v. 22, n. 1, p.7-8, mar. 2013. Instituto Evandro Chagas. http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742013000100001. Disponível em: <10.5123/S1679-49742013000100001>. Acesso em: 08 out. 2018.

SILVESTRE, Paulo. Quando uma “legião de imbecis” é mais importante que Umberto Eco. **Estadão.** São Paulo, p. 1-1. 09 jun. 2015. Disponível em:

<https://brasil.estadao.com.br/blogs/macaco-eletrico/quando-uma-legiao-de-imbecis-e-mais-importante-que-umberto-eco/>. Acesso em: 15 set. 2018.

VICTOR, Fabio. Notícias falsas existem desde o século 6, afirma historiador Robert Darnton. **Folha de S. Palo.** São Paulo, p. 1-1. 19 fev. 2017. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/02/1859726-noticias-falsas-existem-desde-o-seculo-6-afirma-historiador-robert-darnton.shtml>. Acesso em: 15 set. 2018.

1. Acadêmica do 4º período do curso de Medicina da Faculdade Assis Gurgacz. E-mail: laura.hirono@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Acadêmica do 4º período do curso de Medicina da Faculdade Assis Gurgacz. E-mail: tha.ttr@hotmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Docente orientador da disciplina PRODEPP IV - Tecnologia de Informação e Comunicação, do 4º período do curso de Medicina da Faculdade Assis Gurgacz. [↑](#footnote-ref-3)